

Entrevista

Conversa com o xamã Davi Kopenawa

A conversation with shaman Davi Kopenawa

Manuela Otero Sturlini¹ , Martina Rillo Otero^{2*} 

¹Instituto Socioambiental, São Paulo, SP, Brasil

²Instituto Clima e Sociedade, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Manuela Otero Sturlini, branca, analista de pesquisa socioambiental, Instituto Socioambiental.

Martina Rillo Otero, branca, gerente de Planejamento, Avaliação e Aprendizagem, Instituto Clima e Sociedade.

COMO CITAR: Sturlini, Manuela Otero, & Rillo Otero, Martina (2024). Conversa com o xamã Davi Kopenawa. *Revista Brasileira de Avaliação*, 13(2 spe), e131224. <https://doi.org/10.4322/rbaval202412012>

Resumo

A entrevista com uma liderança indígena, Davi Kopenawa, para esta edição da Revista buscou trazer para o debate uma perspectiva diferente da tradicional de avaliação e produção de conhecimento. Em especial, queríamos aprender com Davi a partir da experiência de diagnóstico e denúncia sobre a invasão garimpeira entre os anos de 2020 e 2022 à Terra Indígena Yanomami, nos quais seus povos e as associações indígenas tiveram um papel essencial na identificação da crise que ocorre no local, especialmente nos anos de pandemia. Na conversa sobre esse e outros assuntos, Davi conta como acontece o que poderíamos chamar de um “monitoramento do território” que se dá não a partir de questionários estruturados, tiques a respostas padronizadas, tabulação; mas a partir da observação da própria saúde dos membros dos grupos que habitam esse território. A saúde do ecossistema é uma só, e a agressão a uma parte, ressoa em todas as demais. Portanto, a observação da saúde das pessoas indica a agressão à terra, aos rios, aos animais, a algo único e integrado que não sabemos nomear porque nossa linguagem separa. Nessa linha, Davi também nos explica sobre a “Vingança Climática”, referindo-se à resposta da Terra às agressões contra ela, e nos faz enxergar a natureza, que já não tem tempo, nem espaço, ou tolerância com essas agressões. O futuro nasce hoje. Escutando Davi, aprendemos e sentimos juntar partes (depois de termos aprendido a separá-las): Homem e Terra, agressão e resposta, pensar e fazer, escutar e entender, sonhar e construir a realidade.

Palavras-chave: Povos indígenas. Paradigmas de avaliação. Descolonização da avaliação. Conhecimento tradicional. Pensamento sistêmico.

Abstract

This interview with an indigenous leader, Davi Kopenawa, for the present edition of the review sought to bring into the debate a different perspective from the traditional assessment and production of knowledge. Mainly, it was aimed to learn from Davi's experience of diagnosis and denunciation about the invasion of the Yanomami Indigenous Land between 2020 and 2022, in which their peoples and indigenous associations played an essential role in identifying the crisis that occurs on site, especially in the years of pandemic. In the conversation about this and other subjects, Davi tells how it happens which was possible to call a “monitoring of the territory” that is not based on structured questionnaires, tics or standardized answers, tabulation; but from the observation of the health of the members of the groups that inhabit this territory. The health of the ecosystem is one, and aggression to one part, resonates in all others. Therefore, the observation of people's health indicates aggression towards the land, rivers, and animals, something unique and integrated that we do not know how to name because our language separates. In this line, David also explains about “Climate Revenge”, referring to the response of the Earth to aggression against it, and makes us see nature, which no longer has time, nor space, or tolerance with these aggressions. The future is born today. Listening to David, we learn and feel to put parts together (after having learned to separate them): Man and Earth, aggression and response, thinking and doing, hearing and understanding, dreaming and building reality.

Keywords: Indigenous peoples. Evaluation paradigms. Decolonization of evaluation. Traditional knowledge. Systemic thinking.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Maio 31, 2024

Aceito: Junho 06, 2024

***Autor correspondente:**

Martina Rillo Otero

E-mail: martina@climaesociedade.org

Instituição Parceira: Instituto Clima e Sociedade



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Davi Kopenawa é xamã e líder político do povo Yanomami. Nasceu por volta de 1956, é ativista na defesa dos povos indígenas e da floresta amazônica. Quando criança teve boa parte de sua comunidade dizimada por doenças trazidas pelos brancos. Cedou, se tornou intérprete, trabalhando para a FUNAI. Na década de 80 iniciou sua luta para o reconhecimento do território Yanomami localizado nos estados de Roraima e Amazonas. Levou essa luta para diversos lugares do planeta. Davi trabalhou em parceria com diversas ONGs que atuaram e atuam na defesa dos direitos dos povos indígenas, como a Survival International, a CCPY (Comissão Pró-Yanomami) e o ISA (Instituto Socioambiental). Em 2004, fundou a Hutukara Associação Yanomami (2022), uma associação que defende os direitos do povo Yanomami e desenvolve projetos de proteção territorial, geração de renda, educação e saúde. Incansável, porque foi escolhido para defender seu povo.

A realidade é que conflitos entre invasores e os povos indígenas da região ocorreram desde muito tempo. Nos anos 70, quando o levantamento do projeto Radam Brasil revelou o potencial minerário da serra Parima, divisa do Brasil com Venezuela, área densamente povoada historicamente pelos Yanomami. Durante os anos 80, a propaganda do potencial minerário do território Yanomami desencadeou uma invasão garimpeira impulsionada por políticos locais e líderes garimpeiros que culminou, em 1987, em uma corrida massiva do ouro em Roraima (Albert & Gomez, 1997). Em maio de 1992, a Terra Indígena Yanomami foi finalmente homologada, pouco antes de o Rio de Janeiro sediar a primeira Cúpula da Terra das Nações Unidas, a Eco 1992. A desintrusão, porém, aconteceu após a ampla repercussão do massacre de Haximú em 1993, através da operação “selva livre” (Albert, 1988; Helal Filho, 2023). Durante a pandemia do novo Coronavírus e sob a aprovação tácita do Governo Federal da época, uma nova invasão ocorreu de forma desenfreada. Estima-se que cerca de 20 mil garimpeiros tenham invadido a Terra Indígena Yanomami. Atualmente, apesar da redução da atividade ilegal no território, o ouro assume preços recordes no mercado mundial, e os garimpeiros, seguem propagando doenças e violência. Nesta entrevista, pudemos discutir o papel da identificação e da denúncia dos povos Yanomami na luta pela proteção de sua terra.

A entrevista com Davi Kopenawa foi conduzida virtualmente por Martina Rillo Otero e presencialmente por Manuela Otero Sturlini, em Julho de 2023. A proposta da entrevista com uma liderança indígena para esta edição da Revista buscou trazer para o debate uma perspectiva diferente da tradicional de avaliação e conhecimento – primordialmente descendente de paradigmas ocidentais, eurocêntricos, nos quais as premissas são de isolamento de variáveis, distanciamento do objeto de estudo e controle. Em especial, queríamos aprender com Davi a partir da experiência de diagnóstico e denúncia sobre a invasão garimpeira entre os anos de 2020 e 2022 à Terra Indígena Yanomami, nos quais seus povos e as associações indígenas tiveram um papel essencial na identificação da crise que ocorre no local, especialmente nos anos de pandemia. Na conversa sobre esse e outros assuntos, Davi conta como acontece o que poderíamos chamar de um “monitoramento do território” que se dá não a partir de questionários estruturados, tiques a respostas padronizadas, tabulação; mas a partir da observação da própria saúde dos membros dos grupos que habitam esse território. A saúde do ecossistema é uma só, e a agressão a uma parte, ressoa em todas as demais. Portanto, a observação da saúde das pessoas indica a agressão à terra, aos rios, aos animais, a algo único e integrado que não sabemos nomear porque nossa linguagem separa – e o que resta são vírgulas para tentar juntar¹. Nessa linha, Davi também nos explica sobre a “Vingança Climática”, referindo-se à resposta da Terra às agressões contra ela, e distante de uma visão idílica e romantizada da natureza, Davi nos faz enxergar as forças da natureza, que já não têm tempo, nem espaço, ou tolerância com essas agressões. Futuro? Só se for agora – porque é agora que ele nasce. Escutando Davi, aprendemos e sentimos a juntar partes (depois de

¹ Na língua Yanomae, uma das línguas da família Yanomami, a saúde pode ser expressa pelo termo “temi”, que, contudo, não indica apenas a saúde em termos biomédicos, pois está sempre relacionada a aspectos físicos, sociais e espirituais, podendo ser traduzida melhor por um “bem-estar” individual e coletivo. “Temi” indica a condição de estar vivo, em alternativa a todos os termos que indicam um processo de diminuição ou perda de vida. De fato, a fronteira entre vivo (temi) e morto (noma) não é perfeitamente definida, existindo uma série de estados que caracterizam um processo de passagem de um extremo ao outro, pelos quais a pessoa pode “estar morrendo” (*nomapru*), desmaiando e/ou perdendo os sentidos (*nomai, waximiprai*), sofrer estados alterados (*poremu*), sofrer mal-estares que implicam a percepção de mudanças (*aipëpru*) (Dalmonego et al., 2023).



termos aprendido a separá-las): Homem e Terra, agressão e resposta, pensar e fazer, escutar e entender, sonhar e construir a realidade.

A entrevista foi gravada, transcrita e o texto foi editado para permitir a fruição das respostas em conteúdo escrito. No entanto, a impossibilidade de tradução de elementos da fala de Davi para nossas palavras e jeitos de expressar nos fez deixar alguns trechos com mais tons de oralidade. Confiamos que as leitoras e leitores vão compreender os motivos na leitura da entrevista.

1. **Entrevistadoras:** [Fizeram uma introdução, apresentações de funções, objetivos e contextualização] Você tem alguma pergunta? Ou posso começar a fazer perguntas mais específicas?

Davi: [pausa] Eu posso chamar você ou é senhora?

2. **Entrevistadoras:** Pode nos chamar de você.

Davi: Da minha visão... não é só minha visão, mas é minha visão e do meu povo Yanomami, junto com a visão do Xamã, dos *Xapiri*², a Terra-Floresta *Urihi*, a gente olha, e fica olhando... é mais fácil a gente enxergar o que está acontecendo na cidade, o que acontece na cidade. As cidades estão crescendo e o número do povo da mercadoria está crescendo e criam crianças, mulheres, rapazes... estão em um número muito grande. Para nós o Brasil não vai dar para caber todo mundo. Como está crescendo o número, a autoridade está abrindo caminho, fazendo caminhos para dividir, ou cidade pequena, ou cidade grande, capital, estado. E nós, povo Yanomami, a gente enxerga que a fumaça da grande fábrica está fazendo poluição. Está lá longe, por exemplo, Estados Unidos, essa poluição sai lá em cima e mistura com a nuvem e fica escuro. E elas estão nos cercando. Isso é muito ruim para nós todos. Não é só para o índio, é ruim para todo mundo. Essa fumaça da grande fábrica, fábrica de avião, fábrica de petróleo, fábrica de ferro, fábrica de metal, isso aí a gente chama de *Xawara*³, *Xawara a wakixi*⁴. Assim que eu enxergo a obra do governo, a obra da atualidade e ele não consegue parar. Ele não consegue parar. Se parar a obra da fábrica, da cidade, o povo vai começar a passar fome. Vai parar todo o petróleo, gasolina, se parar o povo da mercadoria, para todo mundo. A cidade está muito longe, mas o vento está trazendo, e vai trazendo até a nossa terra Yanomami, na montanha, e começa a adoecer, começa a adoecer as comunidades. Adoecer com gripe, com catarro e dor de cabeça, vômito e disenteria, diarreia e fraqueza, isso aí é poluição que sai da fábrica, que está longe, mas que vem trazendo até chegar às comunidades. E assim continua sofrendo, continua adoecendo. Quando eu era pequeno, *oxe*⁵, mais ou menos três anos, nunca adoecíamos. Nós adoecíamos de outras doenças da floresta. E hoje, agora, veio essa doença da grande fábrica de minério, que cava buraco. Então é isso que vocês chamam de mudança climática. Eu não falo que é mudança climática. Para mim é vingança da Terra. A vingança da terra que foi destruída, que foi maltratada, poluída, cavando buraco, sujando os rios e matando os peixes e desmatando a floresta. É a vingança da Terra. Não é mudança do mundo, não. A vingança dá muita chuva, cai na cidade pequena, a cidade que fica na beira do rio, e lá em cima chove muito, então a chuva está fazendo a cidade afundar. Essa é a vingança do erro do Homem. E o trovão lá em cima também está reclamando, porque o pulmão do céu também está doente, está poluído. Muito trovão lá em cima reclamando para o povo da mercadoria. E também a vingança da *waiteri*⁶, é a vingança do verão. Verão muito quente, muito forte e o povo da mercadoria que mora na cidade fica reclamando que está

² "A iniciação dos pajés é dolorosa e extática. Ao longo dela, inalando por muitos dias o pó alucinógeno *yãkōana* (resina ou fragmentos da casca interna da árvore *Virola* sp. secados e pulverizados) sob a condução dos mais antigos, aprendem a "ver/ conhecer" os espíritos *xapiripê* e a "responder" a seus cantos. Os *xapiripê* são vistos sob a forma de miniaturas humanóides enfeitadas de ornamentos cerimoniais coloridos e brilhantes. Sua dança de apresentação é comparada à ruidosa e alegre chegada de grupos convidados, ricamente adornados, numa festa intercomunitária *reahu*" (Urihipê, 2024).

³ A *xawara* é uma epidemia que se difunde por um vetor – frequentemente a fumaça de uma substância queimada – e penetra no corpo de uma pessoa. Albert (1988) escreveu sobre a "fumaça do metal" associada às ferramentas dos brancos (Dalmonego et al., 2023).

⁴ *Xawara a wakixi*: "fumaça de epidemia" (Albert & Kopenawa, 2010, p. 356-372, nota 16).

⁵ *Oxe* – criança, pequeno.

⁶ "[...] se trata de uma noção yanomami que se refere ao *ethos* próprio aproximado a *aguerrido, valente e que uma única tradução para o português pode levar a interpretações enganosas e tendenciosas*" (Ref: Dalmonego em comunicação pessoal).



muito quente, não aguenta de calor. Isso também é vingança do erro do Homem. Ela está deixando ele sofrer. Porque a nossa Terra está sofrendo, então a vingança sai, a força que está na terra, que foi maltratada. Então ele fica doente de tuberculose, fica com dor de cabeça, dor de coração, doença de câncer, e outras doenças que os brancos estão morrendo.

3. Entrevistadoras: E o que você acha que a gente deveria fazer para melhorar a vingança da natureza?

Davi: Para acalmar a vingança da nossa Terra mãe? Nada vai acalmar a vingança da nossa Terra mãe, para o mundo, o planeta Terra. Eles vão continuar ameaçando, continuar destruindo, desmatando, matando a floresta. Eu acho que é difícil conseguir parar. O capitalista que gosta de dinheiro, dono de máquina, dono de avião, dono da mercadoria, ele não vai parar não. Não vai parar, porque ele precisa mais do dinheiro. Se parar todo mundo, não fazer mais roçada, aí a fome chega também. A fome também é vingança. Por causa do erro do Homem da cidade. Eu não vou dizer que vocês vão parar, é difícil parar. Estragar é fácil, muito fácil, agora, para consertar é difícil. Eu não vou dizer que vocês vão parar isso. O Governo vai pensar, os governos vão começar a organizar e ter cuidado para ter roçado. Para dar roçado, para dar banana, macaxeira, mandioca e a fruta. Esse aí é mais normal. Mas perigoso é continuar as máquinas pesadas castigando a pele da Terra. A mineração é muito ruim para todos os povos da Terra, o planeta Terra. Poucas pessoas em cada lugar, no mundo e no Brasil, muito poucos enxergam. Uma autoridade ou outra enxerga. Enxergam a poluição, reclamando, muita doença, muita poluição, não tem mais chuva, não está chovendo, porque isso aí é vingança. Vocês falam que está mudando. “Mudou o tempo”. Não mudou o tempo não, o que acontece é a vingança. A Terra está com raiva, está braba, revoltada com a obra dos capitalistas. Muita gente não enxerga não. Ou enxerga, mas a autoridade não quer escutar os pequenos. Nós somos pequenos para ele. Enxergam muita chuva, relâmpago, e o mundo está preto, o tempo está com muita chuva. Eles enxergam. Uma mulher fala na televisão, mas o povo da mercadoria que mora na cidade não acredita. A televisão está avisando, mas não querem mudar.

4. Entrevistadoras: Como os povos da floresta podem ajudar as pessoas que moram na cidade a enxergar? Como o povo Yanomami se relaciona com o seu território?

Davi: O meu povo Yanomami, com a *urihi*⁷ são ligados. Nós somos ligados com a floresta, com a floresta e a terra. Separado não, nós estamos juntos. *Omama* que criou a gente, sabe quem é *Omama*? O criador. Nosso criador, que nos criou, eles nos colocaram na floresta para ela ser protegida. E como *Omama* colocou a gente para proteger, nós estamos cuidando dela. Nós Yanomami, nós *xapiri*, estamos cuidando da nossa floresta. Nós somos aliança, junto com a natureza, com as pedras, as montanhas, com a *xapiri*, com a floresta, com os animais. Nós e a força da natureza estamos ajudando a proteger o povo da cidade.

5. Entrevistadora: Como foi que a doença do Coronavírus afetou os Yanomamis?

Davi: Eu vou tentar explicar, tá bom? Eu sou Pajé. É o grande Pajé da aldeia que conhece a *maxita-urihi*⁸, então ele me ensinou que o perigo está longe, mas está sempre chegando. O meu sogro é de grande sabedoria e sonha tudo. E vê tudo. Ele olha o céu, ele olha mergulhando na Terra, e vê tudo. Então ele já falava para mim, para nós todos: “vocês cuidem, porque o perigo está muito longe, mas vai chegar”. O perigo é a *xawara*, *xawara a wai* está rodando por aí, muito longe, mas daqui a vinte anos vai chegar. Vai chegar devagar. Eu sabia. Eu sabia porque eu uso a *Ya'koana*, uma árvore da sabedoria que nós, do povo Yanomami, usamos para poder enxergar. Meu sogro falou pra mim, quando ainda estava vivo⁹: “Davi, se cuida. Eu sou uma grande árvore para proteger Yanomami e se eu morrer, vai abrir um grande espaço para chegar a doença”. Ele falou a verdade. Em 2020 chegou a doença. Chama *kuikurosikoai*¹⁰. A *kuikurosikoai* estava lá muito longe, mas também chegou. Em 2020 começou a vir, o branco

⁷ Urihi: Floresta, Terra Floresta.

⁸ Maxita-urihi: Terra-floresta

⁹ O sogro de Davi foi um xamã muito importante, uma das principais referências de Davi e faleceu na iminência da pandemia.

¹⁰ Não foi possível compreender se esta configura um sinônimo de *hewe a wai* (letalidade do morcego) ou outro tipo de agressão/ letalidade.



falando, uma doença muito perigosa, falava para mim em Coronavírus. É tipo gripe, mas não é gripe, é doença que estava embaixo da terra e os destruidores tiraram e deixaram fora. Aí a doença saiu. A doença saiu no mundo inteiro. Eu sabia porque meu sogro falava para mim “Davi, quando eu morrer, vai chegar muita doença muito forte, muito “brabo”, muitos brancos vão morrer porque eles não estão preparados para isso”, ele falou para mim “mas nós somos Yanomami, sangue forte. Nós somos sangue forte que nós temos, se a gente comer jabuti, anta, caititu, peixe, as frutas, castanha, buriti, *maimaki*¹¹, patauá, então nós estamos preparados. *Omama* vai nos proteger”. Mas quem não está protegido, o sangue, é os brancos. Tomam muita cachaça, cigarro, comida empacotada que eles comem, isso não é vitamina forte, não. Essa doença vai matar milhares de brancos. Assim que meu sogro deixou o recado para mim, eu acreditei. E aconteceu em 2020. Eu sou Pajé junto com outros parentes, aí nos reunimos para matar essa doença por *kuturoxuai*. Não é pássaro não, é um morcego grande que estava com fome de sangue. De pegar, morder um corpo e aí a pessoa fica doente. E nós não queríamos morrer dessa *kuikurosikoai*. Então pegamos nossa flecha, nossa arma, para matar ele, entramos na floresta, para proteger nossas famílias, nossas mulheres. Assim que nós enfrentamos esse grande morcego *Hewë a wai*¹². Nós conseguimos derrubar o grande morcego que vinha matando a gente, o espírito mal do morcego. É assim que nós conseguimos proteger o nosso território, as nossas famílias. Morreram os que estavam mais velhos. Nós, os *xapiri*, derrubamos para proteger os Yanomami e o branco também. Assim que nós fizemos um bom trabalho para todo mundo, é por isso que vocês estão vivos. Outros morreram e outros ficaram. Nós entramos na floresta, para continuar derrubando a doença, assim que nós nos protegemos do Coronavírus.

6. Entrevistadora: Como foi que vocês perceberam o que estava acontecendo na Terra Yanomami quando aconteceu a invasão de garimpeiros e como falaram para o resto do país o que estava acontecendo?

Davi: Aumentou o número de garimpeiros. Em 86 eram 40 mil garimpeiros. Os garimpeiros que chegaram primeiro foram 40 mil garimpeiros em 86. Aí eles trouxeram a doença, essa doença é um grande *carapanã*¹³, chamamos de *Hura a wai*¹⁴. A doença vai atrás do garimpo. Os garimpeiros que criam a doença no rio, o garimpeiro carrega a doença no corpo, no sangue. Eles fazem uma casa, dormem uma semana, duas semanas e o *carapanã* nosso do mato vai lá e pica, morde o homem branco e homem branco é contaminado pelo sangue. Aí picou, chupou o sangue e deixou a doença. Aí o *carapanã* fura a pele da Yanomami e o leva a adoecer. Assim que vem acontecendo. Em 1986 e 1987, eu perdi metade do meu povo Yanomami. O garimpeiro foi retirado pelo Presidente Collor de Mello, não foi o garimpeiro que saiu sozinho não, ele foi tirado e mandado embora. E depois o Ministério da Saúde cuidou dos Yanomami doentes. O Fernando Henrique também estava mais ou menos amigo do índio. Mais ou menos. Era responsabilidade dele. E o ministro era o Ministro José Serra, ele foi bom amigo, para mandar médico cuidar da gente, para abaixar essa doença da malária. Estava matando nossas mulheres, nossos pais, nossas crianças. Eles mandaram remédio, nós tínhamos apoio médico, vacina. Aí eles foram embora e a doença estava ainda, porque essa doença não sai. O pessoal podia ir embora para a sua casa, mas a doença entrou e ficou lá no buraco, na água suja, contaminada. Demorou até 2003, 2004 até ficar bom. Em 2012, nós começamos a adoecer de novo. O garimpeiro voltou. Aumentou o número dos garimpeiros. Em 2016 garimpeiros voltaram para o rio Uraricoera, para o alto rio Mucajaí, Apiaú, e assim que aconteceu de novo. Aí a Hutukara Associação Yanomami pediu para a autoridade do Brasil tirar o garimpeiro, mas ele não queria tirar. Ele não estava acreditando na gente. Pensava que nós estávamos mentindo. Mas de lá do mato a gente vê que eles estão chegando. No período do Bolsonaro quando o garimpo explodiu, nós fizemos mais de 22 documentos, mostramos em Brasília, na Funai. A Funai também tem a responsabilidade de cuidar da gente. Não conseguimos. O Presidente Jair Bolsonaro é um grande amigo da doença. Ele apoiou a entrada dos garimpeiros na terra Yanomami. Aumentou o número, para muitos milhares de garimpeiros, que se espalharam pelo território Yanomami. Quem compra

¹¹Açaí

¹²*hewë a wai*: letalidade do morcego

¹³*Carapanã*: termo utilizado no Norte do país, para designar mosquito.

¹⁴*Hura a wai*: malária



ouro na cidade também é garimpeiro. Quem usa joia, anel, também é garimpeiro. Eu, Davi, falo isso. Eu enxergo, vejo que esse ouro que estão usando é sangue do índio. Sangue do meu povo Yanomami. Assim que aumentou o garimpo. E ele precisa de tudo, de avião, de helicóptero, combustível, motor, motor para derrubar barraca e eles também trouxeram a arma de fogo, bebida e a mulher prostituta. E fazem mal com a gente. Assim que aconteceu em 2020, 2021, 2022, 2023. A doença não acabou. Nós Yanomami continuamos sofrendo. Porque o nosso governo não está removendo os garimpeiros, não está mandando remédio, não está mandando medicamento, enfermeiro bom, médico bom para cuidar da minha família, dos meus parentes¹⁵. Nós fizemos pelo menos 22 documentos para o governo Bolsonaro. Jair Bolsonaro ficou quatro anos, ele também recebeu, mas não escutou. Por isso que a doença aumentou. A água poluída com mercúrio chegou na nossa casa. Essa água nasce nas montanhas onde a gente mora. Os garimpeiros chegam lá, lá não é o lugar deles.

7. **Entrevistadora:** Mas se mudasse o governo e não tivesse os documentos e as denúncias, mesmo assim o novo governo não ia saber. Quem trouxe a notícia foi o povo Yanomami.

Davi: Foi. Nós fizemos tudo isso. A Hutukara Associação Yanomami está na cidade, o meu filho, o Maurício, os parceiros do ISA juntamos tudo e mandamos para vários lugares. Quem estava apoiando a gente, a nossa luta, que mora na cidade, enviou nossos documentos pedindo para a autoridade tirar os garimpeiros. E também os moradores da cidade que gostam da nossa luta foram assinar. Eu acho que 200, 400 pessoas... 450 mil pessoas¹⁶ assinaram junto com o povo Yanomami. Eu vou tentar explicar o que mudou. Nós lutamos para mudar. Nós lutamos contra Bolsonaro, nós Yanomami não queríamos ele. Precisava mudar, nós olhamos para o Lula. Nós precisávamos dele. Nós lutamos por ele, para ele ficar lá em cima, para ajudar a gente. Ajudar a nos proteger, curar a gente, restaurar a saúde Yanomami. Ele disse que não ia ter garimpeiro na terra Yanomami, ia tirar tudo. Ele falou isso. E depois cuidar da nossa saúde. Cuidar da nossa saúde, ter apoio do Ministério da Saúde, porque isso é responsabilidade do Governo. Responsabilidade do Estado de Roraima, porque é perto daqui. O Estado de Roraima tem culpa, autorizou entrar os homens doentes para nós adoecermos. Então o Lula está tentando curar porque o estrago foi muito grande. O estrago foi muito grande, estragaram nossos rios, nossos igarapés, nossas comunidades próximas, porque ficaram quatro anos. E o nosso amigo, o meu amigo Lula não está conseguindo consertar o estrago. Mas ele está lutando junto com os filhos dele, Ibama, Polícia Federal, Força Nacional e a Funai. Ele não conseguiu tudo não. Eu espero que ele continue assim e daqui a um ano eu quero ver se ele vai cumprir a palavra dele, que ele escutou da gente. Ele está com 6 meses ainda. Ele não completou um ano ainda, mas ele vai continuar mandando a Polícia Federal, Ibama e a Funai e outros. Se tiver Exército Militar junto, dá para resolver e tirar os garimpeiros. E os outros não queriam fazer nada. Isso que eu quero colocar mais. Ele está tentando tapar os buracos da saúde que foi estragada. E o estrago foi muito grande. Não é só sobre Yanomami não, é o estrago na cidade, estrago à escola de vocês, estrago no Ministério do Meio Ambiente, deixaram ficar fraco, fez estrago também no Ibama. Tudo isso dá muito trabalho. O estrago está muito grande. Ele está lutando, Lula está lutando. Aqui na cidade, que ele pediu para outros colegas dele cuidarem da doença, na Casai (Casas de Apoio à Saúde Indígena) estão conseguindo. Mas lá nas comunidades precisa ainda muita coisa, precisamos conversar com o Ministério dos Povos Indígenas para fazer um bom acordo, com quem sabe trabalhar e ama o Yanomami para ir lá para a comunidade. Lá na comunidade onde está nosso sofrimento que não está resolvido.

8. **Entrevistadoras:** É importante que o povo Yanomami traga as notícias do que está acontecendo nas comunidades. Eu queria que você me falasse um pouco sobre isso: qual a importância dos Yanomami conseguirem se organizar para trazerem as notícias do que está acontecendo nas comunidades.

Davi: Realmente, a autoridade mora longe. Vocês moram longe, vocês não estão sabendo. Não está conseguindo fazer tudo. Por que não estão conseguindo? Falta equipe que saiba trabalhar, que sabe trabalhar e ser unida. Assim, eles brigam entre eles, brigam entre parentes,

¹⁵Os povos indígenas chamam os membros de seu povo ou de outros povos indígenas de "parentes".

¹⁶Ver campanha #ForagarimpoForacovid (Instituto Socioambiental, 2024).



com os médicos, assim não vão conseguir. Tem que se unir. É muito importante a união, para poder conseguir salvar o meu povo Yanomami. As nossas autoridades precisam convocar reuniões com as pessoas que trabalham na comunidade. Então precisamos de um grupo preparado junto com médico, enfermeiro, técnico, cientista, laboratorista, para deslocar até chegar nas comunidades. Isso é o que está faltando. É isso que vocês não estão sabendo, que as autoridades não estão sabendo. A autoridade está lutando na capital de Brasília, mas a Sesai (Secretaria de Saúde Indígena do Ministério da Saúde) não está conseguindo também, a reestruturação da saúde precisa chegar em todas as comunidades, precisa de um grupo bom, para cuidar das crianças. A criança não aguenta de doença. Elas estão tomando água suja e a criança fica com diarreia e vômito, lá nas comunidades *Awaris*, no *Maturacá*. Esses lugares precisam de uma equipe boa que conheça a doença. Doença de malária, doença de pneumonia, isso é o que está faltando.

9. **Entrevistadoras:** Como manter a luta forte? Qual o jeito de manter a luta, a palavra dos Yanomami forte para que as autoridades escutem? Como a luta dos Yanomami vai chegar? Não pode cansar não...

Davi: Eu não vou cansar não. Vocês me ajudam, para entender o nosso pensamento, o que está acontecendo, e depois fazemos documentos para dar para as autoridades, que não estão sabendo. Não estão conseguindo sonhar. Fazer a nossa ocorrência, preparar documento, você e eu, para esse documento ir para o chefe, Presidente e Ministério da Saúde, da SESAI, da SESAI aqui de Boa Vista. Poucas pessoas não conseguem. Não conseguem não. A gente precisa de apoio do nosso chefe, apoio da Ministra da Saúde, Nísia, apoio da Funai, apoio do Ministério da Casa Civil, da Ministra dos Povos Indígenas, Sônia Guajajara, Ministério do Meio Ambiente, Marina Silva, precisa de tudo. Eles estão lá em Brasília, aí não resolve. Vem aqui, chama a gente, pergunta para a gente onde está morrendo muita criança, “é ali, naquela comunidade, naquela região”. Então, desloca gente para lá, para vir e ficar dez, quinze dias trabalhando direto lá. Isso que eu falo, mas ele não está conseguindo escutar. Será que estamos falando errado, que eles não estão conseguindo entender a minha fala? Estou pensando isso. Já falamos muitas vezes. Não foi só agora não. Desde quando eu conheço as palavras em português, desde 1975. Eu comecei a falar na idade de treze, catorze anos. E vou continuar falando, continuar cobrando. Yanomami continua cobrando. Então, eu sei que você vai me ajudar a escrever a minha fala para levar para as autoridades. “Olha, Davi falou isso, você tem que fazer isso”. Assim que eu ponho voz, é Yanomami.

10. **Entrevistadoras:** A gente pode ir terminando, mas eu queria perguntar: como é que o povo Yanomami pensa o futuro?

Davi: Para o povo Yanomami, o futuro é hoje e amanhã. Todo povo indígena fala isso. Aylton Krenak fala isso, Raoni fala isso, eu falo. O futuro é hoje e amanhã. Eu não vou esperar, porque o futuro está longe. O futuro é outra geração. Outra geração que está nascendo hoje. Eles vão chegar no futuro. Eu já cheguei. Sessenta anos atrás, meu futuro era algo que eu não conhecia, essa briga de política, de poder e de dinheiro. Eu não conhecia. Agora eu sou o futuro antigo, e eu escolhi essa luta para defender o meu povo. Agora, o futuro da nova geração está esperando, adiante, sessenta anos para cima. O futuro é muito longe para nós. Não vai cansar e correr para chegar até lá, estar querendo chegar aonde está o futuro. O futuro é agora. O futuro não tem fim. Está andando junto com o futuro da Terra. O futuro da Terra não tem fim, não. Então não vão conseguir ver. O futuro, hoje, nossos filhos vão encontrar as terras destruídas. A terra destruída, não tem mais floresta, não tem mais casa, não tem mais mel de abelha, não tem mais remédio que a gente usa, não tem mais essa vida boa. Eles vão encontrar um futuro triste. Não vai mais ter comida original, não vai ter mais banana, não vai ter macaxeira porque estão acabando. Estão comendo soja, macarrão, arroz, feijão, isso não é da floresta. Agora, o futuro do povo Yanomami, eu não vou dizer para você que vamos chegar até lá não. Eu não vou ficar até cem anos, duzentos anos, não. Nós temos limite, antes de chegar o futuro, eu não vou chegar não. Futuro é outra briga de água, briga de floresta, procura de terra, onde vamos morar, viver. Esse futuro vai ser guerrear com o não indígena, vai começar a brigar por causa de água, por causa da terra. Esse é o futuro que vocês estão me perguntando, isso é o que eu entendo. O futuro, ninguém vai chegar até lá não. O futuro é nosso hoje, que estamos conversando.



11. **Entrevistadoras:** Você sempre fala “A gente tem que continuar até dar certo. A gente não pode cansar da briga, a gente vai sempre continuar. A luta vai seguir.”. E Davi, você tem muitos anos lutando. Os últimos anos ficaram mais pesados, mas nunca deixou de lutar.

Davi: Realmente, eu não quero correr até a metade do caminho. Eu não posso. A força da natureza me escolheu e me trouxe pro campo de luta. Não vou baixar minha cabeça. Nem vou entregar dólar para homem branco. Não vou entregar. Então, é isso que eu quero falar com você, a luta não tem fim, a luta continua. Porque não está resolvido. Nós resolvemos muita coisa boa para nós, nós já temos mais prioridades para nosso povo indígena, nós conseguimos com o Governo do Brasil que ele devolva um pedaço de terra para nosso povo viver, usar, plantar, comer. Isso já temos. A terra Yanomami também já está homologada, registrada e reconhecida no Brasil e fora. Mas não está garantida. Mas eu continuo lutando. A luta hoje é a saúde. Saúde é prioridade para nossa vida. Então essa é a minha luta, ela continua. E também pensando e conversando com autoridade e outros amigos sobre educação. Para educar mais jovens, educar, ensinar, para eles ficarem em nosso lugar. Como eu falei, eu não vou ficar cem anos, duzentos anos. Isso é fundamental hoje, para toda nossa comunidade da terra Yanomami e outros povos, estamos precisando é de educação. Educação, o governo nunca deu. O governo nunca deu apoio. Vamos continuar lutando por educação e saúde. E também continuar lutando para tirar o garimpo ilegal. O governo tem que mandar embora. Essa é a nossa luta. E para tentar sarar a água dos rios e tirar garimpeiro. E para nossa saúde do povo Yanomami tem que ter médico. Médico bom que conhece a doença. Isso que a gente vai continuar cobrando. O meu papel da liderança tradicional é esse. Isso que é fundamental para mim, para meus filhos. Meus filhos precisam de apoio, eles precisam da minha luta para conseguir escola viva, não é essa escola fechada não, escola viva para nossos filhos aprenderem a falar português, aprender a escrever, para conseguir entender melhor como vamos defender nossos direitos. Isso que nós precisamos.

Awei!

Fonte de financiamento

Não há.

Conflito de interesse

Não há.

Agradecimentos

Agradecemos a Davi Kopenawa, por sua paciência e dedicação a esta conversa que nos marcou profundamente, e à Hutukara Associação Yanomami

Referências

- Albert, Bruce. (1988). La Fumée du métal: Histoire et représentations du contact chez les Yanomami (Brésil). *L'Homme*, 28(106), 87-119. <http://doi.org/10.3406/hom.1988.368972>
- Albert, Bruce. (1993, outubro 03). O massacre dos Yanomami de Haximu. *Folha de São Paulo*, São Paulo. Recuperado em 31 de maio de 2024, de https://pib.socioambiental.org/files/file/PIB_verbetes/yanomami/massacre_haximu.pdf
- Albert, Bruce, & Gomez, Gale Goodwin. (1997). Saúde Yanomami: Um manual etnolingüístico. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi.
- Albert, Bruce. (1988). La Fumée du métal: Histoire et représentations du contact chez les Yanomami (Brésil). *L'Homme*, 28(106), 87-119. <http://doi.org/10.3406/hom.1988.368972>.
- Albert, Bruce, & Kopenawa, Davi. (2010). Ouro canibal. In Bruce Albert & Davi Kopenawa (Eds.), *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (pp. 356-372, nota 16). São Paulo: Companhia das Letras.
- Dalmonego, Corrado, Pecora, Luiz, & Sturlini, Manuela. (2023). Pandemia na TI Yanomami: Entre a invasão e a calamidade sanitária. In: Fany Ricardo (Ed.), *Povos Indígenas no Brasil, 2017-2022* (1ª ed., Vol. 13, pp. 301-304). São Paulo: Instituto Socioambiental.



Helal Filho, William. (2023, maio 02). O massacre de Haximu, há 30 anos, e a origem dos conflitos no território Yanomami. *O Globo*, São Paulo. Recuperado em 31 de maio de 2024, de <https://oglobo.globo.com/blogs/blog-do-acervo/post/2023/05/o-massacre-de-haximu-ha-30-anos-e-a-origem-da-violencia-na-terra-yanomami.ghml>

Hutukara Associação Yanomami. Associação Wanasseduume Ye'kwana. (2022). *Yanomami sob ataque: Garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami e propostas para combatê-lo*. Roraima.

Instituto Socioambiental. (2024). *Campanha #ForaGarimpoForaCovid*. São Paulo. Recuperado em 24 de abril de 2024, de <https://www.foragarimpoforacovid.org/>

Urihipê, Kami Yamaki. (2024). *Yanomami*. Recuperado em 24 de abril de 2024, de https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami#O_trabalho_dos_paj.C3.A9s